

ACONTECEU NUM NATAL...

A criança esmagava a ponta do narizito, que o frio tornava rosado, de encontro ao vidro da grande montra: para além dele, estavam os brioches, os ducheses, enfeitados com montanhas de chantilly, os jezuitas, os pasteis de Belém, o pão de Ló fofinho... os ‘trancos’ enfeitados com fruta seca, os bolos rei, qual deles o mais ornamentado com as frutas cristalizadas... tudo tentações a que o olhar infantil não resistia, parando sobre um e outro como se deles se saciasse através dos olhitos.

Do lado de dentro da pastelaria, o gerente reparou na figurinha: deu um passo em direcção à porta para a afastar do vidro da montra... mas logo parou. Era quase Natal... Quantas crianças teriam a satisfação de se sentarem a uma mesa para saborearem as guloseimas com que as daquela montra tentavam uns e outros?

Pensativo, por momentos, o homem acabou por se deslocar em direcção da menina, chamando a sua atenção.

- Estamos com falta de pessoal na cozinha e temos, cá fora, muitos clientes para atender. Podes ajudar-nos até à hora do fecho?

- Eu, senhor?

- Sim... depois, pagar-te-emos o tempo de trabalho e dar-te-emos uma ceia que partilharias com os teus familiares. Queres?

- Ah, senhor, se quero!... Há tanta coisa boa ali, exposta, que o meu paizinho não nos pode comprar por estar desempregado... Desde que ele ficou doente e a mãezinha deixou de trabalhar, para cuidar dele, nunca mais provámos nenhuma daquelas delícias... Mas não quero falar de mim, senhor! Diga-me, antes, o que devo fazer?

Os olhos lacrimosos que se erguiam para o homem falavam de uma coragem que muitos adultos não demonstrariam... e no meio das lágrimas, começava a escapar-se um sorriso que, logo, logo, chegava até aos lábios!

O homem estendeu para a criança uma das mãos.

- Vem... Quantos anos tens?

- Catorze... e lá em casa já ajudo a minha mãezinha até a cozinhar! ... O que quer que eu faça?

- Quero que fiques na cozinha ajudando o cozinheiro e o pasteleiro. Penso que o teu trabalho vai ser um contributo muito valioso para eles, que não podem perder tempo com tarefas ínfimas.

- Que bom!

Adentraram os dois o recinto público, onde os clientes se amontoavam aguardando a vez de cada um ser atendido, dirigindo-se para a cozinha, onde penetraram. Olhando-os, os outros trabalhadores sorriram sem se admirarem. Já estavam habituados a atitudes daquelas, da parte do gerente: ele não podia ver ninguém sofrer!

As horas passaram céleres.

Pouco a pouco o estabelecimento foi perdendo o movimento primevo, dos clientes que entravam e saíam depois de atendidos.

Na copa, passados os primeiros momentos de timidez, a voz da criança foi-se erguendo e sendo escutada pelos outros: é que, no meio do barulho das ordens, pedidos, apelos, tachos, formas e panelas que se entrechocavam, ela ia cantando, docemente, alegremente, enquanto as mãos retiravam os apetrechos sujos e não mais necessários e os ia lavando.

O trabalho da criança tornou-se tão importante como o dos outros e, em determinado momento, as vozes adultas faziam coro com a infantil, no refrão que todos repetiam:

Jesus nasceu em Belém,
Dizem os pastores
E os anjos também!
Jesus nasceu! Paz na Terra!
Jesus nasceu! Não há mais guerra!
Paz aos homens, Jesus vem!

*

Duas da madrugada.

Os clientes, não apareciam mais. Cada um em suacasa, com certeza, festejando a consoada, libertavam os empregados e o próprio gerente da pastelaria de continuarem o atendimento: eram horas de, também eles, procurarem as suas casas e juntarem-se às famílias para festejarem o nascimento da Criança diferente de todas as outras crianças.

Por ordem do gerente, cada um levava consigo os componentes para a ceia, não só das sobras das doçarias como, ainda, das carnes e salgados que mais nenhum cliente aparecia para comprar. Nos embrulhos que cada um sobraçava, ia, ainda, uma garrafa daquele vinho que, em dias normais, os empregados não tinham possibilidades nem disponibilidades materiais de adquirirem para beberem... mas era Natal e todos eles sabiam que, naquela data, o gerente não fazia distinção nem rateava o que oferecia aos empregados. Cada um tinha direito a um Natal feliz e consolados, com as iguarias precisamente iguais às que vendiam a quem os procurava – e sem terem de as pagar. Era, sempre, a oferta da casa.

Restava, apenas, a criança: um pacote à parte lhe estava, igualmente, destinado.

Chegado perto dela o gerente propôs-lhe deixá-la em casa. Já não eram horas de andar na rua sózinha, ele deixá-la-ia em casa.

- Mas é muito longe...

- Não faz mal. Ainda não estou atrasado, vamos!

Com uma palavra amiga entre todos, dela se despediram os mais velhos após o que o gerente, sobraçando uns pacotes, fechava a porta e se dirigia para o carro, estacionado num largo perto, chamando por ela.

Orientando-o no trajecto ela ia dizendo uma e outra coisa, falando dos pais, de uma irmãzita, e até da avó, velhinha, que vivia numa aldeia transmontana e não puderam visitar na época, dada a doença do pai.

Chegados á porta da casa, num prédio de um bairro discreto e, aparentemente, sossegado, apearam-se os dois: o homem fez questão de se apresentar aos pais, desejando, também, conhece-los.

Franqueada a porta de entrada, a sala onde foi recebido era simples mas asseada, primando por receber quem chegasse de maneira a que se sentisse bem recepcionado. E, com ele, assim aconteceu.

Verificada a verdade das palavras que a moça lhe narrara, da doença paterna, despediu-se, prometendo voltar noutra dia – o que aconteceu logo depois do Natal , com uma proposta. A moça, estando de férias, podia ficar em casa tomando conta do pai e da irmãzita; a mãe iria trabalhar para a pastelaria e, quando houvesse necessidade de acompanhar o marido a uma consulta pode-lo-ia fazer sem qualquer dificuldade de maior.

E sem querer ver as lágrimas que inundavam não só os olhos da dona da casa, como os da filha mais velha e do próprio doente, o gerente da pastelaria despediu-se com um sorriso simpático e palavras de esperança, que aqueceram todos os corações...

E enquanto viam o carro a afastar-se, depois das despedidas, pareciam escutar uma voz distante, como num eco, que repetia palavras ouvidas há dois mil anos atrás:

- GLÓRIA A DEUS NAS ALTURAS E PAZ NA TERRA, AOS HOMENS POR ELE AMADOS!

MANUELA VASCONCELOS